



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
CURSO DE PEDAGOGIA**

XENIA LIANE PEREIRA DA SILVA

**A REPRESENTAÇÃO DE INFÂNCIA E DE CRIANÇA EM CHAPEUZINHOS
COLORIDOS**

CURRAIS NOVOS-RN

2017

XENIA LIANE PEREIRA DA SILVA

**A REPRESENTAÇÃO DE INFÂNCIA E DE CRIANÇA EM CHAPEUZINHOS
COLORIDOS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Pedagogia à
distância como requisito para obtenção do
título de pedagogo, sob a orientação da
Prof^a. Ms. Elaine Santana de Oliveira.

CURRAIS NOVOS - RN

2017

A REPRESENTAÇÃO DE INFÂNCIA E DE CRIANÇA EM CHAPEUZINHOS COLORIDOS

XENIA LIANE PEREIRA DA SILVA

Trabalho de Conclusão de Curso elaborado pela aluna Xenia Liane Pereira da Silva, apresentado à coordenação do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em / /2017, sendo auferida a nota (_____) conforme avaliação do (a) professor (a) Ms. Elaine Santana de Oliveira e a banca examinadora constituída pelas professoras:

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Mestra Elaine Santana de Oliveira - Orientadora
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Parecerista 1 –
Universidade Federal do Rio Grande do Norte Instituição

Parecerista 2 -
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

CURRAIS NOVOS - RN

Dezembro/2017

AGRADECIMENTOS

Ingressar na Graduação de Licenciatura em Pedagogia, bem como a realização deste trabalho não foi simples nem tão pouco fácil, visto que muitas adversidades surgiram, as quais me impulsionaram a fazer escolhas. Neste momento, quero agradecer a quem foi importante na minha formação profissional.

Em primeiro lugar, a Deus por ter plantado em meu coração a missão de educar e reafirmar isto no curso de Pedagogia, bem como por estar sempre ao meu lado dando-me a força necessária para enfrentar os desafios impostos a cada dia.

Aos meus pais que me ensinaram a construir minha trajetória com amor e respeito, assim como me incentivaram a lutar pelo que acredito. Minha irmã, sobrinha e cunhado. Também, pelo apoio nos momentos de ausências nos fins de semana, esquecimentos de realizar atividades, períodos de ansiedade e muitos trabalhos.

Ao curso de Pedagogia, professores, tutores à distância, Polo de Currais Novos-RN, em especial aos tutores presenciais que tiveram um papel importantíssimo nesta etapa de minha trajetória acadêmica. E à minha orientadora pela contribuição indispensável para a construção deste trabalho.

À turma de Pedagogia 2017.2 pela união rara para uma turma de EaD, às amizades e as aprendizagens construídas. Em particular ao grupo de estudos formado desde o primeiro semestre, em especial a Joseane Campelo e Vanessa Mendes com as quais foi compartilhado além de conhecimentos, também angústias, preocupações, bem como momentos de alegria.

Aos educadores que passaram pela minha trajetória escolar e profissional que não se limitaram a transmitir conhecimentos, mas que me serviram de espelho para a construção da profissional que estou buscando ser. Às instituições educativas onde realizei meus Estágios Supervisionados, e nas quais atuo no Programa Novo Mais Educação e Programa de Iniciação à Docência (PIBID), e aos amigos construídos nelas.

Enfim, a todas as pessoas que torceram pelo meu êxito e contribuíram direta ou indiretamente para esta realização.

A REPRESENTAÇÃO DE INFÂNCIA E DE CRIANÇA EM CHAPEUZINHOS COLORIDOS

XENIA LIANE PEREIRA DA SILVA¹
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

A Literatura Infantil possibilita ao leitor uma experiência significativa quando relacionada com a forma peculiar de contar do texto literário. Neste acontece à fusão de realidade e fantasia o que permite a criança constituir relação entre o evidenciado no texto e o seu cotidiano. Apropriando-se da forma com que a sociedade se organiza além do código linguístico e imagético. O presente estudo tem o propósito de descrever e analisar como é construída a representação de criança e infância no livro *Chapeuzinhos Coloridos*, escrito por José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta (2014). Este é composto por seis histórias (*Chapeuzinho Azul*, *Chapeuzinho Cor de Abóbora*, *Chapeuzinho Verde*, *Chapeuzinho Branco*, *Chapeuzinho Lilás* e *Chapeuzinho Preto*) inspiradas no conto Clássico *Chapeuzinho Vermelho*. A investigação pautou-se com base nos pontos elencados no trabalho: a apresentação das personagens infantis; a construção de sentidos estabelecida pela cor que determina cada uma das personagens em cada conto, assim como, nas ilustrações; Os aspectos em que o conto moderno aproximam-se e/ou divergem do tradicional. Em termos metodológicos, a pesquisa assume uma abordagem de natureza qualitativa conforme Prodanov & Freitas (2013), também enquadra-se quanto à classificação da pesquisa como bibliográfica, segundo Oliveira (2007). A princípio discorreu-se sobre o surgimento e o conceito de Literatura Infantil. Em seguida, buscou-se conhecer como a concepção de criança e infância foi construída ao longo da história. Posteriormente, fez-se a leitura criteriosa das seis histórias que compõem a obra objeto de estudo, e por fim, realizou-se a análise dos Contos. No tocante aos conhecimentos literários, tem-se como aportes teóricos Lajolo & Zilberman (1991); Palo & Oliveira (1986); Mattar & Mattar (2014). E com relação aos conceitos de criança e infância historicamente construídos conferimos a Ariès (1981). Os resultados evidenciaram que as personagens infantis do livro assemelham-se a representação moderna de criança, pois são construídas a partir de um contexto social e histórico atual. Uma vez que nas narrativas encontram-se característica de conto moderno tanto no enredo como na construção das personagens e temáticas abordadas, entretanto, também foram percebidas características do conto tradicional relacionadas basicamente no que se refere à estrutura e número de personagens, assim como a presença da moral ao fim de cada conto.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura. Criança. Infância

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia EaD da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: xenlianeps@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

A leitura não está resumida a identificação de letras que combinadas formam textos, visto que para entender a mensagem pretendida pelo autor, o leitor deve além de reconhecer o que está dito literalmente nas palavras deve atribuir significados. De acordo com Antunes (2014, p. 66), “A leitura é parte da interação verbal escrita, enquanto implica a participação cooperativa do leitor na interpretação e na reconstrução do sentido e das intenções pretendidas pelo autor”. Assim, o ato de ler não está limitado apenas à decodificação de sinais gráficos, visto que ultrapassa a barreira do decifrar para a construção de sentidos, pois a mensagem não está dita de forma isolada apenas no sentido literal das palavras, e sim, construída também pelos significados implícitos, seja mediante o texto escrito, ilustrações, contexto de produção, público ao qual se destina, além do contexto social histórico e cultural de recepção.

Nesta perspectiva, o presente trabalho tem o intuito de analisar como é construída a representação da infância e da criança no livro *Chapeuzinhos Coloridos*, escrito por José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta (2014). Esta obra é uma criação baseada no conto tradicional *Chapeuzinho vermelho*, oriundo dos contos folclóricos europeus, tendo como publicações mais significativas a de Charles Perrault (1697) e Irmãos Grimm (1890).

A definição do *corpus* da pesquisa surgiu, primeiramente, em relação à escolha do gênero literário, visto que como assegura Cosson (2014, p.17), “No exercício da literatura, podemos ser outros, podemos viver como outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim sermos nós mesmos.” Assim a partir da leitura literária a criança estimula seu imaginário construindo-se enquanto sujeito, analisa as situações e ações das personagens, mas principalmente constituindo-se como protagonista, bem como passa a compreender os sentidos construídos através da relação entre a leitura de palavras, das imagens e mensagens implícitas. A criança é dotada de imaginação e esta é aflorada por meio da brincadeira, na qual ela representa não só papéis sociais, mas também através da leitura ou da escuta de textos literários.

Ainda como assegura Cosson (2014 p. 16), “O mundo (re) construído pela força da palavra, que é a literatura, revela-se como uma prática fundamental para a

constituição de um sujeito da escrita”. Nesta perspectiva, o texto literário é uma fonte de abordar o mundo como uma representação do real, no qual o leitor pode construir-se enquanto leitor/ouvinte/produtor de textos formando esquemas mentais e estruturação da língua escrita.

Já a escolha da obra surgiu do interesse em conhecer como os autores realizaram a construção deste texto sendo esta uma versão atualizada de um conto tradicional, em que aspectos se aproximam ou se distanciam do conto clássico, abordando os seguintes pontos: como as personagens crianças são apresentadas e tratadas? Associação da cor do capuz e ilustrações contribui para o sentido do texto? Os desfechos dos contos remetem a um conto tradicional ou moderno?

Partiu-se do princípio que todo processo investigativo necessita de uma sequência orientada de procedimentos que conduzam as respostas para a inquietação, na qual o pesquisador procura conhecer e explica-las. Assim, os resultados obtidos são frutos da pesquisa, bem como dos procedimentos metodológicos adotados.

Nesta perspectiva, a investigação assume uma abordagem de cunho qualitativo segundo Prodanov & Freitas (2013 p. 70) que assegura: “Um vínculo indissociável entre o mundo objeto e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números”. Neste sentido, a pesquisa não objetiva quantificar recorrências ou dados estatísticos, mas sim descrever e analisar como é construída a representação de criança e infância, assim como os pontos convergentes e divergentes entre o conto tradicional que serviu de inspiração para a criação dos 06 (seis) contos que compõe o livro *Chapeuzinhos Coloridos* Torero & Pimenta (2014).

Quanto à classificação da pesquisa foi denominada de pesquisa bibliográfica de acordo com Oliveira (2007), visto que adota procedimentos metodológicos de leitura, análise de fontes bibliográficas encontradas no próprio ambiente do pesquisador, bibliotecas ou locais que dispunham de material relevante ao estudo.

Após estas definições, para a realização da análise dos 06 (seis) contos selecionados utilizou-se como instrumento para construção à leitura criteriosa do livro, assim como fontes bibliográficas que abordam as temáticas: Literatura Infantil, conceito de infância e criança no decorrer da história, uso da imagem, teoria dos contos tradicionais e fantásticos.

Com este propósito buscou-se inicialmente entender a origem da Literatura infantil, sua importância e função para o desenvolvimento da criança. Para isto, teve-se como bases teóricas Lajolo & Zilberman (1991); Palo & Oliveira (1986); Mattar & Mattar (2014). Posteriormente foi feito um estudo a respeito dos conceitos de infância e criança construídos no decorrer da história, tendo como referencial teórico Ariès (1981). Com relação ao uso da imagem embasou-se em Costa (2000) e Rolla (2006). A teoria dos contos tradicionais e fantásticos fundamentou-se em Khéde (1990); Palo & Oliveira (1986). A partir disso, será apresentado o *corpus* de análise contemplando uma síntese da obra; seguida da análise e discussão dos dados levando em consideração os pontos já citados. Por fim, têm-se as considerações finais.

2. A LITERATURA INFANTIL

A origem do texto literário escrito para crianças surgiu a partir do século XVIII no mercado francês. Porém, algumas histórias escritas no século anterior foram incorporadas a Literatura Infantil como, por exemplo, as *Fábulas de La Fontaine* editadas entre 1668 e 1694 e os *contos da Mamãe Gansa*, anteriormente chamado de *Histórias ou narrativas do tempo passado com moralidades*, escrito por Charles Perrault em 1697 (LAJOLO e ZILBERMAN 1991).

Os textos produzidos a partir do século XVIII têm o propósito de atender ao universo infantil decorrente de diversos fatores históricos e culturais das sociedades. Inicialmente, na França e na Inglaterra, dentre os quais o processo de industrialização, urbanização desordenada das cidades e o êxodo rural tiveram como consequências a formação de zonas periféricas nas cidades decorrentes da mão de obra não absorvidas pelas fábricas levando a altos índices de criminalidade, violência e miséria e ainda a consolidação da burguesia como uma classe social. Neste contexto foram incentivadas as instituições: família e escola.

A família representada pela divisão de papéis: pai é o responsável pelo trabalho e manutenção financeira da família; a mãe, pela organização doméstica e o cuidar dos filhos; as crianças, sendo beneficiárias do esforço conjunto. Diante do

novo papel social da criança surge o brinquedo industrializado e o livro como fonte de bens culturais.

Em conformidade com a família, a escola deve promover a socialização da criança preparando-a para inserir-se socialmente, além de propagar ideologia social burguesa. Assim como assegura Lajolo e Zilberman (1991, p 17), “Instituição convocada a colaborar com a solidificação política e ideológica da burguesia é a escola”.

Desse modo, a escola surge como uma local de ensino voltado para o propósito formativo e como um meio para a inserção da criança na sociedade, a qual é ensinada os conhecimentos como a leitura e a matemática, mas também os papéis atribuídos no contexto social a cada grupo, assim como propagar o discurso que interessa a burguesia.

Lajolo e Zilberman (1991, p 17) complementam mostrando que levar a criança a escola justifica-se por:

“postulados a fragilidade e o despreparo dos pequenos, urgia equipá-los para o enfrentamento maduro do mundo. Como a família e a escola se qualificam como espaço de mediação entre a criança e a sociedade, o que mostra a complementariedade entre essas instituições e a neutralização do conflito.”

Neste sentido, a escola e a família tinham o dever de preparar a criança para inserir-se socialmente, porém, deveriam evitar o enfrentamento por busca de mais direitos e cobrar uma sociedade justa, assim como atentar contra a ordem social instituída.

3. A INFÂNCIA E A CRIANÇA

Atualmente, segundo Bueno (2004), o substantivo feminino *infância* significa o período de crescimento no ser humano que se estende do nascimento até a puberdade; meninice. Já o termo *criança* é definido como menino, infante. Desse modo, gramaticalmente ambas as palavras são classificadas como substantivos femininos, sendo que a infância seria o intervalo de tempo cronológico a partir do

nascimento até a adolescência; e criança, um ser humano nesta faixa etária, sinônimo de menino e menina.

Todavia, o conceito atribuído aos termos infância e criança são definições historicamente construídas, visto que sofreu adequações e redefinições no decorrer do percurso histórico, social e cultural. Assim, a infância e a criança não devem ser analisadas sem considerar o contexto em que estão inseridas.

Na sociedade medieval a criança era representada por um adulto em escala menor: roupas, formas corporais do adulto. O único traço diferencial era a estatura. Havia altos índices da mortalidade infantil, assim como era classificada como criança de acordo com a dependência de um adulto, seja a ama de leite ou a mãe. De acordo com Ariès (1981, p 44), a criança “não estava ausente da Idade Média, ao menos a partir do século XIII, mas nunca era o modelo de um retrato, de um retrato de uma criança real, tal como ela aparecia num determinado momento de sua vida.” Assim, a infância era considerada uma etapa transitória da vida e sem importância, mesmo para aquelas que sobreviviam as adversidades. Diante dos altos índices de mortalidade infantil, ainda que, possuindo alta taxa de natalidade, não havia sentimentos de afeto e apego às crianças, estas eram consideradas sem importância para a sociedade.

A partir do século XVII e XVIII, começaram a ocorrer mudanças significativas nesse tratamento, sobretudo, atingiram a criança burguesa. Neste período, começou a ser demonstrada a afetividade, a diminuição das taxas de mortalidade com a adoção de medidas de higiene e saúde, passando a ocupar um lugar de destaque na sociedade. Assim, a educação, até então, submetida a preceptores ou outros adultos passa a ser responsabilidade da família e da escola.

Atualmente, como assegura o Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil (1998 p. 21), a criança é:

Um sujeito social e histórico e faz parte de uma organização familiar que está inserida em uma sociedade, com uma determinada cultura, em um determinado momento histórico. É profundamente marcada pelo meio social em que se desenvolve, mas também o marca.

Neste sentido, a criança é considerada um cidadão inserido na sociedade, vista como um sujeito de direitos e deveres, dotada de necessidades; proteção de

sua integridade física, social, moral e psicológica, assistidas com o direito à instrução, esta que é promovida pela escola e complementada pela família e sociedade.

4. CHAPEUZINHOS COLORIDOS

Antes de falar em *Chapeuzinhos Coloridos* é impreterivelmente abordar a obra que serviu de inspiração para sua construção: *Chapeuzinho Vermelho*. Este conto clássico é datado da Idade Média, sendo uma narrativa popular oral, geralmente contado nas aldeias por camponeses aos adultos, em rodas de conversas noturnas. Em suas primeiras versões abordava uma história mais sangrenta sem final feliz, e ainda, o canibalismo. Pois, a personagem principal (a menina) juntamente com o lobo come a carne e bebe o sangue da avó, e ambas, são devoradas pelo Lobo. Em uma época diferente, a história era contada com o propósito de assustar as crianças.

Posteriormente, com a criação da Literatura destinada para crianças, essa história, assim como tantas outras conhecidas até os dias atuais foram recolhidas do folclore e publicadas. As significativas surgiram, de acordo com Lajolo e Zilberman (1991), no século XVII por Charles Perreault (1697) e os Irmãos Grimm (Jacob e Wilhelm) em (1890). Perreault publicou a história no livro *Contos da Mamãe Gansa* e a dos Irmãos Grimm com *Histórias das crianças do lar*. Nas versões destinadas às crianças, em conformidade com Mattar & Mattar (2014); Lajolo e Zilberman (1991), a história assume uma posição menos sangrenta e vem abrandada a violência adotando uma função utilitário-pedagógica. Isso significa dizer que os contos transmitem valores e condutas sociais por meio da moral inclusa no texto.

Assim, o *corpus* de análise desta investigação foi o livro *Chapeuzinhos Coloridos*, escrito por José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta e ilustrado por Marília Pirillo. Foi lançado no ano de 2010, sendo que em 2012, selecionado para compor o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE)² e recomendado para os anos iniciais do Ensino Fundamental.

² http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13915-pnbe-2012-seb-pdf&category_slug=agosto-2013-pdf&Itemid=30192

Esta escolha foi fundamentada na qualidade da obra, bem como, levou-se em consideração a importância do texto literário para a formação da criança, uma vez que, a leitura deste gênero textual é recomendada por diversas referências de educação desde a Educação Infantil até o Ensino Médio.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Língua Portuguesa a leitura feita pelo professor possibilita ao aluno:

Ampliar a visão de mundo e inserir o leitor na cultura letrada; estimular o desejo de outras leituras; possibilitar a vivência de emoções, o exercício da fantasia e da imaginação; permitir a compreensão do funcionamento comunicativo da escrita: escrevesse para ser lido. Brasil (1998, p.47)

Deste modo, quando a criança tem contato com leitura literária em ambiente escolar ou não, que seja feita pela própria criança ou por meio de um adulto, isso concede ao leitor/ouvinte acionar seus conhecimentos prévios, a fantasia, a ludicidade; fazer associações a respeito da organização da linguagem, principalmente, na modalidade escrita, para também coparticipar do universo letrado. Assim, a criança compreende que todo texto tem além de um autor, um propósito comunicativo destinado ao leitor, por este motivo ela nutre o desejo de fazer outras leituras.

A obra inicia levando o leitor a lembrar da história de Chapeuzinho Vermelho, de forma questionadora a imaginar: se a história fosse diferente? Se o lobo fosse bom? Se a Chapeuzinho não fosse vermelha? Assim é feito um convite à leitura por meio da curiosidade: o que as personagens da obra teriam de diferente da história original?

No decorrer das 56 (cinquenta e seis) páginas do livro, o leitor se depara com 06 contos, cada um deles tem como personagem principal uma menina chamada de Chapeuzinho, em seis cores diferentes, sendo elas: Azul, Verde, Cor de Abóbora, Branca, Lilás e Preta.

4.1. Chapeuzinho Azul

A Chapeuzinho Azul sai para a casa da avó levando uma torta de amoras azuis. No caminho ela encontra o Lobo que sugere o percurso mais logo, o qual a menina seguiu em busca de miosótis azuis para a avó. Ao chegar a casa desta, o

Lobo foi surpreendido por um tiro mortal, disparado pela avó que o levou ao forno e o degustou na companhia de Chapeuzinho. Após a refeição as duas dormiram e roncaram alto a ponto de atrair um caçador a casa. Quando este entrou e viu o resto do Lobo assado classificou-o como um Lobo em extinção. No mesmo instante, denunciou a avó e a neta pelo crime de matança de animais em extinção. As duas foram presas e liberadas após a mãe da Chapeuzinho Azul pagar a fiança. A narrativa encerra com a voz da Menina dizendo: “Não se deve matar os animais, ainda mais se eles estiverem em extinção” Torero & Pimenta (2014, p.10)

4.2. Chapeuzinho Cor de Abóbora

Na história a menina do chapéu cor de abóbora é gordinha e tem grandes bochechas. A pedido da mãe ela vai à casa da avó levar uma torta para esta, no caminho encontrou o Lobo que a induz ir por um percurso mais longo, alegando à menina que havia muitas árvores frutíferas nas quais ela poderia pegar e comer o que quisesse. Ao chegar à casa da avó o Lobo a devorou, vestiu as roupas da avó e ficou a espera da Chapeuzinho que chegou em seguida. Após fazer as perguntas clássicas, recebe novas respostas. A menina é devorada pelo Lobo que depois foi dormir, seu ronco atraiu um Caçador que o viu e pensou matá-lo. Entretanto, decidiu cortar a barriga e resgatar a avó e a neta. Porém, antes que pudesse concluir o procedimento, o Lobo acordou e também o devorou. Por fim, o Lobo decidiu comer a torta e uma cereja. Em consequência de sua gula, explodiu e todas as personagens ficaram em pedacinhos. Nas últimas frases do texto o narrador diz que ‘a menina, se tivesse continuado viva teria aprendido uma lição: “Nunca se deve comer a última cerejinha” Torero & Pimenta, (2014, p.18)

4.3. Chapeuzinho Verde

Chapeuzinho é representada por uma menina de olhos verdes cor de esmeraldas, tem um gosto acentuado por dinheiro e possui um capuz verde feito pela avó, para quem a menina leva uma torta de limão. Ao encontrar o Lobo, este a convenceu a ir pelo caminho mais longo, alegando a existência de uma fonte cheia de moedas, as quais ela poderia pegar quantas quisesse. O Lobo entrou na casa da avó, a devorou e deitou-se a espera da menina que chegou e também foi devorada.

Em decorrência do ronco do lobo, este foi encontrado por um Caçador que o matou com objetivo de tirar a pele. Para salvar a avó e a neta, ele pediu em troca as joias da avó e as moedas da Chapeuzinho Verde. Ao fim, o narrador apresenta a moral: “O dinheiro não traz felicidade e atrai um monte de malandros”. Torero & Pimenta, (2014, p.26)

4.4. Chapeuzinho Branco

É uma menina de olhos e cabelos claros, que se tornou muito triste desde que o pai faleceu. Ela vai à casa da avó levar suspiros. No encontro com o Lobo, na floresta, ela foi iludida a ir pelo caminho mais longo com a desculpa de que haveria muitas crianças com quem a menina poderia brincar. Na casa da avó, para devorá-la, o Lobo demorou apenas o tempo dela dizer “seja bem-vindo”. Após Chapeuzinho Branco chegar foi até a cama onde a “Avó” e fazer as perguntas clássicas a respeito do tamanho das orelhas, olhos, mãos, nariz, boca. Sendo que, nestas histórias ela obteve novas respostas. Na sequência a menina disse ao Lobo que não se importava de ser devorada, pois vivia muito triste e solitária o que causou no Lobo uma crise de choro ouvida pela mãe da menina e pelo caçador, que foram ver o que estava acontecendo. Ao verem-se, o caçador e a mãe reconheceram-se como antigos vizinhos. Este reencontro aflorou um antigo amor que deixou todos felizes: o caçador e a mãe casaram-se, Chapeuzinho Branco tem um novo lar, a avó vai morar com a família e o Lobo tornou-se um Lobo de estimação. A menina ao final aprende uma lição “Ninguém gosta de ficar sozinho” Torero & Pimenta, (2014, p.37)

4.5. Chapeuzinho Lilás

A menina do chapéu lilás era muito famosa na vila onde morava. A pedido da mãe vai à casa da avó levar revistas de fofoca sobre gente famosa. No percurso encontrou o Lobo que indicou a Chapeuzinho um caminho mais longo. Neste, ela poderia colher alguns lilases para a avó. O Lobo seguiu pela estrada mais curta, porém ao chegar a casa e chamar a senhora, ele teve uma crise de consciência e escondeu-se no mato. Quando a menina chegou fez as perguntas tradicionais e recebeu novas respostas da avó. Após leem algumas revistas a neta e avó dormiram. Quando o Lobo entrou na casa e as viu dormindo, logo se deitou na cama

com elas e dormiu também. O caçador é atraído por um barulho originado na barriga do Lobo faminto. Ao adentar a casa, o Lobo é morto pelo Caçador. Todos ficam famosos: o Caçador porque matou o “perigoso” Lobo, a avó por ter concedido entrevista a um jornal e a menina em virtude de ter dado entrevista à tevê. Ao fim, o conto apresenta uma lição para os leitores: “Se falar mal de alguém, deve ser verdade”. Será? Torero & Pimenta, (2014, p. 44)

4.6. Chapeuzinho Preto

A sexta e última história do livro apresenta uma menina do chapéu preto, de cabelos e olhos negros, que a pedido da mãe levou jabuticabas a avó. No encontro com o Lobo, este sugeriu que a menina seguisse pelo caminho mais longo, pois nele Chapeuzinho encontraria flores chamadas de: sempre-vivas. Bem como, poderia colhê-las para levar a avó. Ao chegar à casa da senhora, o Lobo já era esperado por ela que não esboçou nenhuma resistência a ser engolida. Quando a Chapeuzinho chegou a casa concluiu que demorou muito tempo na floresta. Percebeu-se através do espelho, fez as perguntas tradicionais para si mesma e obteve novas respostas. Em seguida, foi em direção ao Lobo e questionou-o sobre a avó. Ele afirma que a engoliu. Os dois degustam as jabuticabas e dormem. No momento que o Caçador apareceu, este tentou matar o Lobo sem sucesso. Pois a figura do Lobo é representada como o tempo que inevitavelmente “engole” tudo e todos. Ao fim do conto o Lobo foi embora preservando a vida da menina e do Caçador, por enquanto... O narrador encerra o livro dizendo que a menina ficou feliz porque aprendeu uma lição: “Devemos comer as jabuticabas bem devagar e aproveitar cada uma delas” Torero & Pimenta, (2014, p.53)

5. AS MENINAS DÍSPARES EM CORES E AÇÕES

As 06 (seis) histórias do livro *Chapeuzinhos Coloridos*, anteriormente descritas, são classificadas como conto. De acordo com Gancho (1991, P. 8), “conto é uma narrativa mais curta, que tem como característica central condensar o conflito, tempo, espaço e reduzir o número de personagens”.

Neste contexto, as histórias apresentam um enredo curto, visto que elas possuem em média 08 (oito) páginas cada, nas quais, as tramas se desenvolvem em um breve espaço de tempo, provavelmente, pode-se descrever as ações em um único dia. Outro aspecto interessante a ser destacado é a construção do texto, que não apresenta grande número de descrição do ambiente, estas são mais perceptíveis nas ilustrações. Quando considerada a construção gráfica, imagens e cores, responsáveis pela denominação das personagens contribuem para o sentido pretendido. Com relação aos personagens são 05 (cinco) em cada texto: a menina, a mãe, a avó, o lobo e o caçador.

No que concerne aos pontos semelhantes à tradição, as histórias apresentam-se com um início anunciado pela expressão “Era uma vez”, que de acordo com Khéde (1990, p.22), “Basta enunciar a fórmula mágica do ‘Era uma vez...’ para que os tapetes voem, varas de condão façam magias, e assim por diante”. Desta maneira, a referida expressão representa na narrativa a mistura do real e do imaginário presente nas narrativas como, por exemplo, a personificação do Lobo, o “desengolir” as personagens, bem como as passagens reais de interação avó e neta, a mãe e a menina.

Com relação ao enredo tem-se como elementos semelhantes ao conto que serviu de inspiração: a personagem principal. Uma menina sem nome próprio sendo identificada pelo capuz feito pela avó em um tecido de cor significativa para o tema a ser desenvolvido no decorrer da história. A mãe que entrega uma cesta com algo a ser levada a avó pela menina. Um Lobo faminto que conversa com a menina, trama comer as personagens e para desenvolver seus planos aponta a garota um caminho mais longo, porém que a criança irá encontrar algo que poderá levar consigo. Assim deixa o caminho mais curto para o Lobo que chega primeiro à casa da avó. Outra figura característica é o Caçador que salva as personagens indefesas do Lobo “mal”.

A moral presente nos contos tradicionais ainda aparece ao final dos contos em estudo, esta apresenta o reforço de lições valorativas que conduzem a um sentimento de culpa ou punição as quais poderiam ser inferidas pelo leitor sem seu uso. Neste sentido, tem-se a diminuição do fantástico para uma função de propagar o pensamento do adulto para o leitor criança.

No entanto, as personagens diferem do conto tradicional. De acordo com Khéde (1990, p.23), contos tradicionais “São, geralmente, alegorias do bem e do mal e se configuram neste conflito dualista”. Conforme o autor, nestes, as personagens encontram-se como figuras idealizadas, sem defeitos de modo que há uma polaridade de ações, nas quais o bem e o mal apresentam papéis antagônicos, ou seja, a personagem é representada como só boa, ou só má, onde o bem é recompensado e o mal é punido.

Todavia, isto não acontece com as protagonistas do livro em análise e é extensivo para outros personagens como a avó e o Lobo. Visto que na obra existe uma desconstrução desses estereótipos. Como exemplo pode-se destacar, na Chapeuzinho Lilás que o Lobo apesar de ter articulado um plano para comer as personagens, este muda suas atitudes no decorrer da história, todavia, isso não impede que o Caçador mate-o. Já na Azul, há uma inversão dos papéis, nesta o Lobo é comido pela avó e menina.

No desfecho das histórias, algumas apresentam o fim trágico para o Lobo, porém, especificamente em dois dos contos analisados este não se resume ao Lobo, visto que nem sempre todas as personagens finalizam a história com sua integridade física preservada. Isto acontece na Cor-de-abóbora que, após a explosão do Lobo, todos ficam em pedacinhos e, na Preta que o Lobo representa o tempo, para a avó, um eufemismo da morte.

O livro é exposto ao público com ilustrações em praticamente todas as páginas. Com um colorido atrativo, mesmo que os tons da cor que representa cada conto apareçam em maior proporção.

De acordo com Costa (2000, p. 25): “A linguagem visual, tal como a verbal, possui um sistema sógnico próprio que a constitui organicamente, capaz de servir para a transmissão da herança cultural e da criação artística, além de sua função representativa e informativa”.

Neste sentido, o texto é constituído por uma linguagem verbal representada pelas palavras e uma visual que é composta pelo imagético. Ambas são responsáveis pelos significados atribuídos ao texto, uma vez que uma linguagem não substitui a outra, nem a imagem apenas ilustra o discurso do texto escrito, pois

os modos de dizer do escrito e da figura são responsáveis pela multiplicidade de sentidos dados ao texto.

No que se refere às imagens apresentadas no decorrer da obra, abordam uma criação moderna que não se atém às formas e desenhos convencionais. Valendo salientar que as ilustrações das árvores nem sempre são verdes, visto que assumem a cor que caracteriza a narrativa, assim como são representadas por estampas de tecidos.

No caso da (Figura 1), estes aspectos peculiares são evidenciados nas copas das árvores que são representadas por tecidos característicos de roupas infantis. Além disso, lembram as senhoras e os artesanatos produzidos por elas. Como por exemplo, o fuxico, pois essas copas têm o formato arredondado e colorido como o deste artesanato. As personagens não assumem padrões sociais, e sim, uma representação de pessoas comuns.

Figura 1:



Fonte: Chapeuzinhos Coloridos, Torero & Pimenta, (2014)

Além de a cor azul compor a ilustração presente nas árvores e vestimentas da Chapeuzinho Azul também é utilizada como pano de fundo nesta imagem e em algumas páginas da história; nas amoras azuis que são levadas na cesta; nas flores, miosótis azuis, artifício usado pelo Lobo para distrair a menina. Essa cor ainda é representada na caracterização física da personagem, visto que ela é descrita com

olhos azul cor do céu. Chapeuzinho Azul era assim chamada em virtude de uma capa azul produzida pela avó, a qual a menina não tirava nem quando brincava.

A princípio, ela era considerada por si mesma ingênua, desprotegida e bobinha para o Lobo. A avó também é classificada como frágil e indefesa pela menina. Todavia, a definição empregada à menina e a avó é desconstruída. Inicialmente pela avó que surpreende o Lobo com uma espingarda e atingindo-o com um tiro mortal no peito, antes que ele esboçasse qualquer reação que a levasse a agir como em legítima defesa. Há neste conto uma ruptura da dualidade entre bem e mal, levando-se em consideração que o bem e o mal são atributos opostos e, por esta razão, não estão presentes na mesma personagem, a qual é sempre boa ou má. Isto significa dizer que não é possível a mudança no decorrer da trama.

Este antagonismo é evidenciado no estereótipo que o Lobo é o agressor e a menina e a avó, são vítimas. Assim, na segunda metade da história o Lobo passa a ser a vítima degustada pela avó e Chapeuzinho. Esta passagem leva-se a inferir que esta dualidade está presente na vida, na sociedade e em todas as pessoas, aproximando as ações humanas e distanciando da idealização de perfeição.

A inversão de opressor a sacrificado é confirmada também nas perguntas feitas pela menina a avó:

- Vovó, porque você tem orelhas tão grandes?
- São para ouvir melhor os lobos.
- E estes olhos tão grandes?
- São para ver os lobos de longe.
- E essas mãos tão grandes?
- São para pegar grandes pedaços de carne de lobo.
- E esse nariz tão grande?
- É para sentir o cheiro dos lobos no forno.
- E essa boca tão grande?
- É para comer carne de lobo! Torero & Pimenta, (2014, p. 9)

Neste fragmento do texto pode-se inferir, a partir do diálogo entre avó e neta, que diante das perguntas tradicionais feitas pela menina, a senhora utiliza respostas às quais levam a acreditar que a atitude de matar e assar o Lobo não foi uma ação isolada, e sim, um hábito da avó que a neta a apoia.

A figura do caçador que tem a função de salvar as vítimas, nesta história especificamente, não consegue este efeito, porém fica indignado com a atitude das personagens, ao ponto de detê-las e levá-las até a delegacia, acusando-as como responsáveis pela matança de lobos, os quais são de uma espécie ameaçada em

extinção. O Caçador torna-se o defensor da vítima que, nesse caso, passa a ser o Lobo. Levadas a delegacia avó e neta ficam detidas, suas fotos são apresentadas no jornal local.

Figura 2:



Fonte: Chapeuzinhos Coloridos, Torero & Pimenta, (2014)

Na figura 2, o texto imagético nesta passagem apresenta uma carga semântica mais representativa do que a descrição por meio do escrito, uma vez que mostra a imagem do jornal, em que ambas aparecem mostrando uma placa semelhante à feita pela polícia quando está indiciando uma pessoa acusada de cometer algum crime. No caso da menina é mostrada apenas às letras “C.A. menor” e o rosto com menos detalhes. Diante disto, é possível inferir que é uma representação que leva em consideração o que preconiza o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e Leis instituídas no país que protegem a identidade e integridade da criança em casos de infração à ordem social. Assim, a liberação das duas só acontece após a mãe ir e pagar a fiança que as põs em liberdade.

A história visa apresentar uma problemática atual, a destruição de espécies animais, por prazer ou interesses pessoais, levando a reflexão de que a diversidade

animal e vegetal é responsável pela nossa permanência e melhor qualidade de vida no planeta, ou seja, quando esta é afetada todos sofrem as consequências.

Ao fim do conto, os autores expõem uma moral a respeito da preservação dos animais, em especial, os em extinção. Porém este ensinamento pode ser facilmente recuperado no decorrer da narrativa sem o uso de uma parte específica para dizer isto.

Chapeuzinho Cor de Abóbora – A segunda história do livro apresenta como personagem principal uma menina gordinha, com grandes bochechas e que adorava comer. Contrariando o estereótipo de beleza que apresenta pessoas magras e loiras com olhos azuis. A roupa de cor alaranjada é a mistura das cores primárias: vermelho e amarelo. No caso do vermelho que simboliza a alegria, e o amarelo o brilho. Assim, a cor traz um chamamento particular por ser uma cor forte e vibrante. Com relação à escolha da denominação cor de abóbora, bem como, o formato arredondado deste vegetal está relacionado à construção da personagem que possui como característica à gula, seu aspecto físico: gordinha.

Conforme Rolla (2014 p. 03), “A ilustração tem sempre um propósito, nada é casual e a pura contemplação da imagem não faz parte de sua especificidade”. Neste conto a composição de ilustrações está, em maior parte, em tons de laranja e amarelo, estas são evidenciadas na roupa de Chapeuzinho e da avó vestida pelo Lobo, já que a avó não aparece nas ilustrações. Além disso, estas cores também são utilizadas como pano de fundo para algumas páginas, na copa das árvores, desenhos de frutas, mobília e lençóis usados.

Figura 3:



Fonte: Chapeuzinhos Coloridos, Torero & Pimenta, (2014)

Na construção do texto é evidente que a descrição dos alimentos é bem marcada como, por exemplo, o doce que vai à cesta: “torta de abóbora com cobertura de chantili e uma cereja em cima” Torero e Pimenta (2014, p.12). A história gira em torno da gula manifestada pela menina e pelo Lobo, este que engana a menina usando como artifício que ela encontraria no novo caminho muitas árvores frutíferas, nas quais ela poderia colher e comer as frutas que desejasse.

A avó é engolida pelo Lobo de uma só vez, assim como a menina. No diálogo tradicional entre estas personagens o Lobo responde às perguntas clássicas de forma que colabora com a temática de comida e gula abordada no decorrer da história. Pois, segundo ele, precisa usar os sentidos para ouvir o leiteiro, ver os bolos crescerem, o tato para segurar frutas grandes, o olfato para sentir o cheiro das comidas e o paladar para concretizar o desejo, bem como a conclusão do processo que era o comer. Torero e Pimenta (2014)

A figura do Caçador, neste caso, não é apresentada como o herói que salva as vítimas, e sim, uma das vítimas após tentar salvar avó e neta sem sucesso. Porém, o Lobo ao comer finalmente a torta e a cereja explode e fica em pedacinhos, assim como todas as personagens engolidas por ele. Por fim, não há final feliz, pois tanto o causador como as vítimas não conseguiram aparecer íntegros no desfecho da narrativa. Nesta história, a gula pode ser representada além da fome de comida,

por uma busca incansável pelo possuir, acumular sem pensar nas consequências que isso pode causar.

Chapeuzinho Verde – A cor verde começa a ser descrita pela cor da floresta, na qual mora a avó e que a Chapeuzinho irá visitar no decorrer da narrativa. A menina é caracterizada por si mesma como mesquinha e possui os olhos verdes, mas não é qualquer verde, e sim verde como as esmeraldas, uma pedra preciosa que irá compor a construção da personagem em conformidade com a capa feita pela avó, denominada inicialmente de verde-musgo. No entanto, para a construção do texto é atribuída à cor verde dólar, esta que é conferida às personagens comparando-as com pessoas interesseiras e que só pensam em dinheiro.

A cor também é lembrada na torta de limão que a menina levou à avó. Esta é definida pela mãe de Chapeuzinho como avarenta, pois vive de guardar o dinheiro e não compra alimentos e, em consequência disto, fica “magra feito um palito”. A relação feita da cor verde ao interesse das personagens pelo dinheiro está na voz da Chapeuzinho quando pede o dinheiro para o ônibus a sua mãe, mesmo sem que precisasse deste meio de transporte, após a negativa da mãe, a menina argumenta que precisa do dinheiro para a sola do sapato.

No diálogo estabelecido com o Lobo a relação de dinheiro volta a ser mencionada. Isto acontece quando a menina tenta vender-lhe a torta, entretanto o Lobo revela não ter dinheiro para comprar. A ganância deste é aguçada a ponto de planejar comer as personagens e roubar as joias que a velhinha possuía. Usando a cobiça como elemento o Lobo engana a menina e a faz desviar do seu caminho para ir até uma fonte onde tem várias moedas que ela poderá pegá-las.

As perguntas clássicas que remetem aos sentidos são respondidas com o foco no acúmulo e contagem de dinheiro, temática central da história. O interesse material também está presente na figura do Caçador que, ao ver o animal, pensa em ficar rico ao tirar a pele do Lobo e vendê-la. A vantagem material também foi um ponto determinante para salvar a vida da avó e da neta, visto que o “salvamento” é considerado pelo Caçador como um trabalho no qual ele precisava ser pago. O resgate só aconteceu por meio de um acordo estabelecido com a avó, esta deveria entregar suas joias no cofre e as moedas da Chapeuzinho. Ao final, avó e neta são

levadas a concluir que o dinheiro não traz felicidade, e ainda, desperta a cobiça e o desejo de aproveitadores.

Com relação à construção do espaço, o tom de verde predomina não só nas ilustrações e na roupa da personagem, mas também na construção dos cenários como pano de fundo para algumas páginas: na copa das árvores que são construídas, não como árvores comuns, mas como um recorte de tecidos da avó; na camisa xadrez do Caçador e no saco com dinheiro e joias arrecadado por ele.

Figura 4:



Fonte: Chapeuzinhos Coloridos, Torero & Pimenta, (2014)

Chapeuzinho Branco – Sendo a cor branca considerada a ausência de cores, a opacidade, ela contribui na descrição da personagem como uma menina de cabelos e olhos claros, órfã de pai, frágil, triste e solitária. No entanto, a tristeza e solidão não são sentimentos atribuídos apenas à menina, mas também a avó e ao Lobo. A cor branca, esta que simboliza a ausência de cores, está presente ainda nos doces que a menina leva a avó, como pano de fundo de algumas páginas da narrativa, enquanto em outras tem-se as tons claros como o azul e o bege. Assim, todas as combinações de cores remetem ao claro, palidez; sendo que o branco está sempre acompanhado de tons claros de azul e amarelo.

Figura 5:



...a menina, percebeu que havia alguma coisa estranha no ar, perguntou:
Você tem orelhas tão grandes?
Escutar as vozes dos amigos.
Os são grandes?
Ver as pessoas.
São tão grandes?
Abraçar as visitas.
É tão grande?
Tirar o cheiro dos outros.
É tão grande?
Para conversar, mas vai ser para
esmo!

...o lobo ficou de pé sobre a cama e
para saltar sobre a menina.

Fonte: Chapeuzinhos Coloridos, Torero & Pimenta, (2014)

A tristeza e solidão da menina é usada pelo Lobo para enganá-la com o discurso de que havia crianças com quem ela poderia brincar. Quando a Chapeuzinho chega à casa da avó e se depara com o Lobo disfarçado, as perguntas clássicas que remetem a desconfiança da personagem com relação à identidade da “avó” recebem novas respostas que indicam um desejo de comunicar-se com o outro: escutar a voz, ver, abraçar cheirar e conversar com os amigos.

A Chapeuzinho recebe o direito de expressar seu pensamento a respeito da ação do Lobo de engoli-la: “Quero que o senhor saiba que eu não me importo de morrer, porque sou uma menina muito triste, pois amava meu pai e ele morreu”, Torero e Pimenta (2014, p.36). Este fato é determinante para a mudança de planos do Lobo. Neste momento, pode-se averiguar que o estereótipo criado para o Lobo como o vilão se desfaz, pois ele é apresentado como sensível a ponto de comover-se com a história da menina.

O desfecho da narrativa conduz a um final feliz para todas as personagens: a figura do Caçador aparece como o salvador da Avó, porém, sem que o Lobo sofra nenhuma punição pelo seu ato, pelo contrário, ele tornou-se um animal de estimação da família; já a mãe que reaparece no fim, casa-se com o Caçador e a menina e avó foram morar com o casal.

Chapeuzinho Lilás é famosa na vila onde mora por ser obediente e trabalhadora. Ela leva à avó revistas de fofoca sobre gente famosa. A cor marca as flores indicadas pelo Lobo para a menina colher no caminho mais longo.

Figura 6:



Fonte: Chapeuzinhos Coloridos, Torero & Pimenta, (2014)

Como pode ser observado na imagem 6, no decorrer da narrativa foi percebido que mesmo a Chapeuzinho sendo nomeada pela cor lilás suas vestes estão em um tom mais escuro: o roxo. A cor roxa é usada na simbologia cristã católica durante a quaresma, este período antecede a Semana Santa e Páscoa. Nessa época é adotado pelos cristãos uma postura de reflexão, arrependimento, conversão espiritual e penitência³. Este aspecto pode ser visto no comportamento Lobo, uma vez que, mesmo tendo proposto que a menina fosse pelo local mais longo para chegar primeiro à casa da Vovó, ele não executou seu plano, tendo em vista que se arrependeu.

No entanto, seu arrependimento não foi suficiente para livrá-lo do fim trágico. A morte. Pois mesmo sendo sua atitude diferente da habitual, esse não conseguiu ter um final diferente, pagou com a vida pela fama das personagens. Neste sentido, a fama para elas é vazia, visto que é construída em uma falsa verdade. Isto remete ao questionamento: se é possível acreditar em todas as informações que as mídias apresentam? Ou em tudo que é dito?.

Chapeuzinho Preto – O uso do preto na última história do livro não é por acaso. O preto está associado ao tema de luto, visto que em todo o espaço, assim como nas ações do enredo, remetem à cor escura, esta que contribui para a apresentação da temática a ser abordada. Essa cor começa a ser expressa na construção da personagem, antes mesmo da referência ao capuz, pois ela é descrita

³ Significados: disponível em: <https://www.significados.com.br>

como uma menina de olhos e cabelos negros que levará jabuticabas à avó, a escuridão da mata.

A princípio a menina ganha uma capa preta feita pela avó. Cujas cores acompanha toda a história em palavras e/ou expressões que se remetem ao negro. Isto também é uma marca da ilustração que se dá nas primeiras páginas e na descrição do cenário.

Por meio das ilustrações, a construção do ambiente é descrito com árvores que trazem formas de círculo nas cores preta e branca. A cor preta contribui na construção do sentido quando está associada à passagem do tempo apresentando a dualidades de vida e morte, paz e luto. Assim a escolha do negro remete-se a escuridão e o luto enquanto que o branco remete a vida e a paz.

Figura 7:



Fonte: Chapeuzinhos Coloridos, Torero & Pimenta, (2014)

A figura do Lobo perde a característica de um animal predador que engana a menina e engole a avó para satisfazer seus instintos biológicos de alimentar-se, já que quando é visto pela avó não causa surpresa, pelo contrário, ela já o espera, bem como tem consciência que será sua vítima. Porém, ela não esboça reação para contrariá-lo, aceita o destino sem questioná-lo.

Deste modo, o Lobo se define como o “Lobo dos lobos e as pessoas o chamam de tempo”, Torero e Pimenta (2014, p.52). Neste sentido, o Lobo é definido como a personificação do tempo que inevitavelmente passa, ora mais rápido, ora mais devagar. E o verbo “engolir” é abordado como um eufemismo para o conceito da palavra morte. Uma vez que para a avó o tempo esgotou-se e o “lobo/tempo” veio à sua procura para que ela fosse “engolida”, encerrando seu tempo de vida terrestre.

Apesar disso, no final da história o autor/narrador afirma que a avó ficou contente porque teve uma vida feliz e demorou para ser 'engolida'.

Para Chapeuzinho Preto o tempo passou rápido, pois esta utiliza a expressão "depressinha" como o tempo a ser gasto para chegar à casa da avó. Entretanto, a passagem do tempo que a menina permanece na floresta retrata que o período passou rápido, o que só acontecerá na casa da avó ao ver-se no espelho, para o qual ela faz as tradicionais perguntas e ela própria as responde levando o leitor a depreender que a personagem não é a mesma menina que saiu de casa, e sim, uma jovem. Pois de acordo com Chapeuzinho agora pode falar por si mesma, pode alcançar o que antes não era possível, é "dona do próprio nariz", ver mais coisas e usa brincos. Pode-se compreender que para Chapeuzinho o ser criança era a idade da "não-fala", na qual nem tudo era permitido. Porém, agora ela já pode "falar" e agir de acordo com sua vontade.

Já para o Caçador, outra personagem a sofrer a ação do "lobo/tempo", ele torna-se incapaz de vencê-lo, porque não traz a avó de volta ou não consegue impedir a ação do Lobo que, em um momento, também irá engoli-lo. No entanto, o Lobo o orienta a ver o tempo como seu aliado, enquanto não chega o instante de ser "engolido".

Na obra *Chapeuzinhos Coloridos* apresenta-se como uma construção na qual o texto e a ilustração coparticipam na construção dos sentidos de cada um dos 06 (seis) contos. Neles foram encontradas semelhanças e diferenças tanto da história *Chapeuzinho Vermelho* quanto à estrutura do conto tradicional e fantástico. Levando em consideração os aspectos equivalentes têm-se as personagens: a menina, a mãe, a avó, o lobo e o caçador; em partes no enredo. Assim como a presença da moral nas últimas linhas do livro dita pela menina ou pelo narrador, esta apresenta lições valorativas que poderiam ser entendidas pelo leitor sem esforço ou esta marcação de valor.

No livro analisado as personagens infantis abordam uma representação de criança moderna em concordância com Dahlberg; Moss; Pence (2003, p.76):

"Ela não é um inocente, separado do mundo, a ser abrigado em alguma representação nostálgica do passado reproduzido por adultos. Ao contrário disso, a criança pequena está no mundo como ele é hoje, incorpora este

mundo, é influenciada por ele – mas também o influencia e constrói significados a partir dele.”

Deste modo, as personagens infantis do livro assemelham-se a representação moderna de criança, uma vez que são construídas a partir de um contexto social e histórico no qual as meninas possuem características que as tornam sujeitos com qualidades e defeitos, diferentemente, da representação que considera a criança incapaz e inocente.

Esta concepção é reforçada em uma das últimas páginas do livro apresenta a ilustração a seguir:

Figura 8:



Fonte: Chapeuzinhos Coloridos, Torero & Pimenta, (2014)

Nesta ilustração reforça o conceito de que qualquer menina pode ser uma Chapeuzinho, independente de raça, etnia, nacionalidade, características físicas e etc. visto que a sociedade é formada por diversos grupos e que todos tem direitos e deveres iguais.

Já com relação aos pontos divergentes, pode-se destacar a “frustração” de quem espera encontrar as mesmas ações e desfecho do tradicional em que todos são “felizes para sempre”. Visto que, na maioria dos contos em análise, apresentam

uma maior aproximação do leitor ao mundo real conduzindo-o a reflexões de características e atos inerentes ao ser humano como: a fofoca, avareza, gula, extinção de animais, morte, entre outros.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura infantil é importantíssima para a construção do sujeito, em especial da criança, uma vez que possibilita contribuir para a formação de um leitor crítico que a partir da leitura também é possível apreender conhecimentos que vão desde ao vocabulário até como se estrutura a mensagem, fazendo relações entre textos e imagens, sejam estes explícitos e/ou implícitos.

Na obra *Chapeuzinhos Coloridos* Torero & Pimenta (2014), as 06 (seis) personagens, das quais não é informada a idade, nem possui nome, são chamadas e caracterizadas por um adereço, capuz, e sua cor. Elas são divergentes da menina apresentada no conto tradicional que serviu de inspiração para sua criação, pois apresentam personagens que fogem do padrão social estereotipado e presente nos contos: a personagem princesa que tem como atributos a beleza, bondade, obediência, de pele branca, magra; torna-se vítima e mesmo que sua voz esteja presente em alguns diálogos com as personagens não é capaz de usar a linguagem para argumentar com as personagens.

Já nos contos do livro analisado, a criança é considerada como uma pessoa que, apesar de ser criança, está inserida em um contexto social e é influenciada por ele, haja vista que estas personagens são apresentadas como seres humanos mais próximos do real, levando em consideração a diversidade de características humanas sejam elas físicas; como cor dos olhos, cabelo, corpo; assim como, psicológicas e comportamentais: a avareza, a gula, a pressa por crescer, a tristeza, a fofoca; temáticas cada vez mais presentes na sociedade.

Com relação à fala, estas personagens têm o direito de manifestar-se de forma mais livre enquanto sujeito social do mesmo modo que o adulto e não está subordinada à voz deste, pois a ela é dado o direito do discurso em igualdade ao adulto. Todavia em algumas sua voz é usada para a propagação de uma moral que expõe um lado punitivo e de culpa.

Neste sentido, foi possível depreender que as seis histórias do livro auxiliam na formação do sujeito enquanto leitor e pessoa, pois possibilita, a partir da junção do texto escrito e imagético, construir significados mediante o que está sendo dito, assim como, autor pretendeu conduzir o leitor a refletir acerca de questões sociais.

Desta forma, a relevância de estudos desta natureza contribuem para pensar a importância da leitura literária pela criança, seja esta realizada no contexto escolar ou fora dele. Com o fim de promover a discussão das temáticas abordadas pelos textos relacionando real e imaginário, assim como a apropriação de convenções da escrita, de mediante a forma como por muitos os discursos por muitos levando em consideração o propósito comunicativo.

Portanto, estimular o contato ao texto literário, especificamente, *Chapeuzinhos Coloridos* pode conduzir a criança a estabelecer relações entre o clássico e o atual em uma perspectiva de análise crítica do real que nem tudo é o que parece; que o ser humano, mesmo sendo um ser racional, tem sua essência imperfeita, até mesmo as crianças, consideradas por muitas pessoas como ingênuas e frágeis possuem qualidades e defeitos. E há diversidade, uma vez que a Chapeuzinho pode ser qualquer uma, em qualquer lugar do mundo.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- ANTUNES, I. **Aula de Português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola, 2014.
- COSSON, R. **Letramento Literário: teoria e prática**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2014.
- COSTA, M. M. **Considerações iniciais a respeito de texto e imagem no livro de literatura**. Revista Letras, Curitiba, n. 54, p. 11-33. jul./dez. 2000. Editora da UFPR 23. Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/letras/article/view/18797/12161> acesso em: 20 de Nov. 2017.
- DAHLBERG, G; MOSS, P; PENCE, A. Construindo a primeira infância: o que achamos que isto seja? In: DAHLBERG, G; MOSS, P; PENCE, A. **Qualidade da educação na primeira infância: perspectivas pós-modernas**. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- GANCHO, C. V. **Como analisar narrativas**. São Paulo: Ática, 1991(série princípios)
- KHÉDE, S. S. **Personagens da literatura infanto-juvenil**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1990 (série princípios)
- LAJOLO, M; ZILBERMAN, R. **Literatura Infantil Brasileira: história e histórias** 5 ed. São Paulo: Ática, 1991.
- MATTAR, S. M; MATTAR, R. C. de. **Literatura na Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental**. 3 ed. Curitiba, UFPR. 2014.
- OLIVEIRA, M. M. de. Definindo e classificando as principais formas de produzir novos conhecimentos. In:_____ **qualitativa Como fazer pesquisa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- PALO, M. J; OLIVEIRA, M. R. **Literatura Infantil: voz da criança**. São Paulo: Ática, 1986.
- PRODANOV, C.C; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2 ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.
- ROLLA, Angela da Rocha. **Literatura infantil: intertextualidade e narratividade**. 2006. Disponível em: <http://docplayer.com.br/4621060-Imagem-na-literatura-intertextualidade-e-narratividade.html> Acesso em: 26 de Nov. 2017.
- TORERO, J.R; PIMENTA, M. A. **Chapeuzinhos Coloridos**. São Paulo: Companhia das letrinhas, 2016.